

Trabalhos arqueológicos na Quinta Nova de Santo António ou dos Ingleses – Carcavelos. A ocupação do Bronze final

NUNO NETO¹, CRISTINA GONZALEZ², PAULO REBELO³, RAQUEL SANTOS⁴ E MIGUEL ROCHA⁵

Introdução

➤ No ano de 2009 a Neoépica, Lda., conduziu uma intervenção arqueológica sobre uma extensa área em frente à praia de Carcavelos, concelho de Cascais, cujos terrenos integravam a Quinta Nova de Santo António, também conhecida como dos Ingleses, actualmente propriedade de Alves Ribeiro, S.A. e da St. Julian's School. Este trabalho surgia no âmbito da elaboração de um plano de pormenor para o local, que incluía uma larga zona dedicada a parque urbano e à construção de alguns núcleos de edificado. Os trabalhos foram da responsabilidade dos arqueólogos Nuno Neto, Cristina Gonzalez e Raquel Santos.

Nos terrenos a sul, sobranceiros à estrada Marginal, estendia-se uma jazida paleolítica já conhecida, identificada em 1979, por Guilherme Cardoso em trabalhos de prospecção (Cardoso, 1991, p.87). Trata-se de um possível acampamento paleolítico que assenta sobre uma antiga praia quaternária, numa zona relativamente plana. Em 1999 foram realizadas escavações arqueológicas no local sob a responsabilidade dos arqueólogos Guilherme Cardoso e João Cabral, trabalhos estes que permitiram observar o enorme revolvimento daquela área, fruto da existência, na primeira metade do século XX, de um campo de golfe e, anteriormente, de uma vinha que ocupava o local, como demonstra uma planta topográfica levantada em 1842, pelo tenente do exército José Chelmicki ou a planta de M. Brandão, datada de 1815.

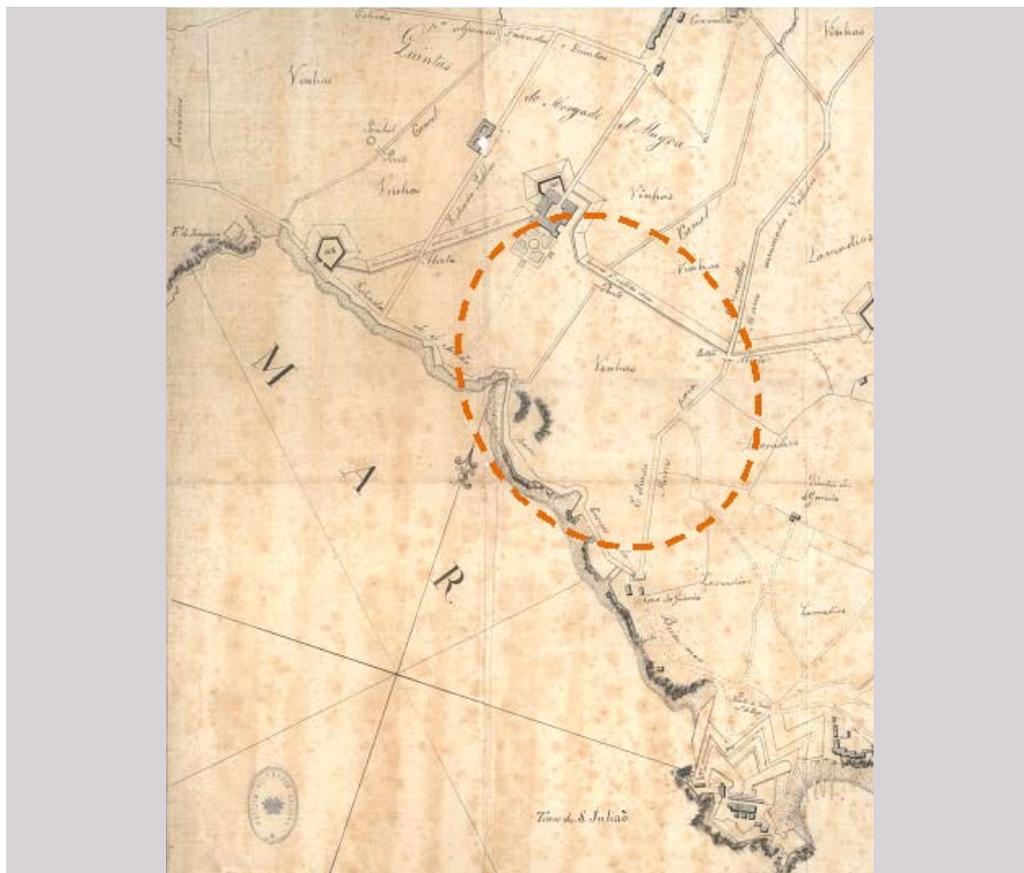


Figura 1
Pormenor da
Carta topográfica
das fortificações
de Oeiras entre 1809
e 1810, pelo Major
Eng. M. J. Brandão,
de 1815.

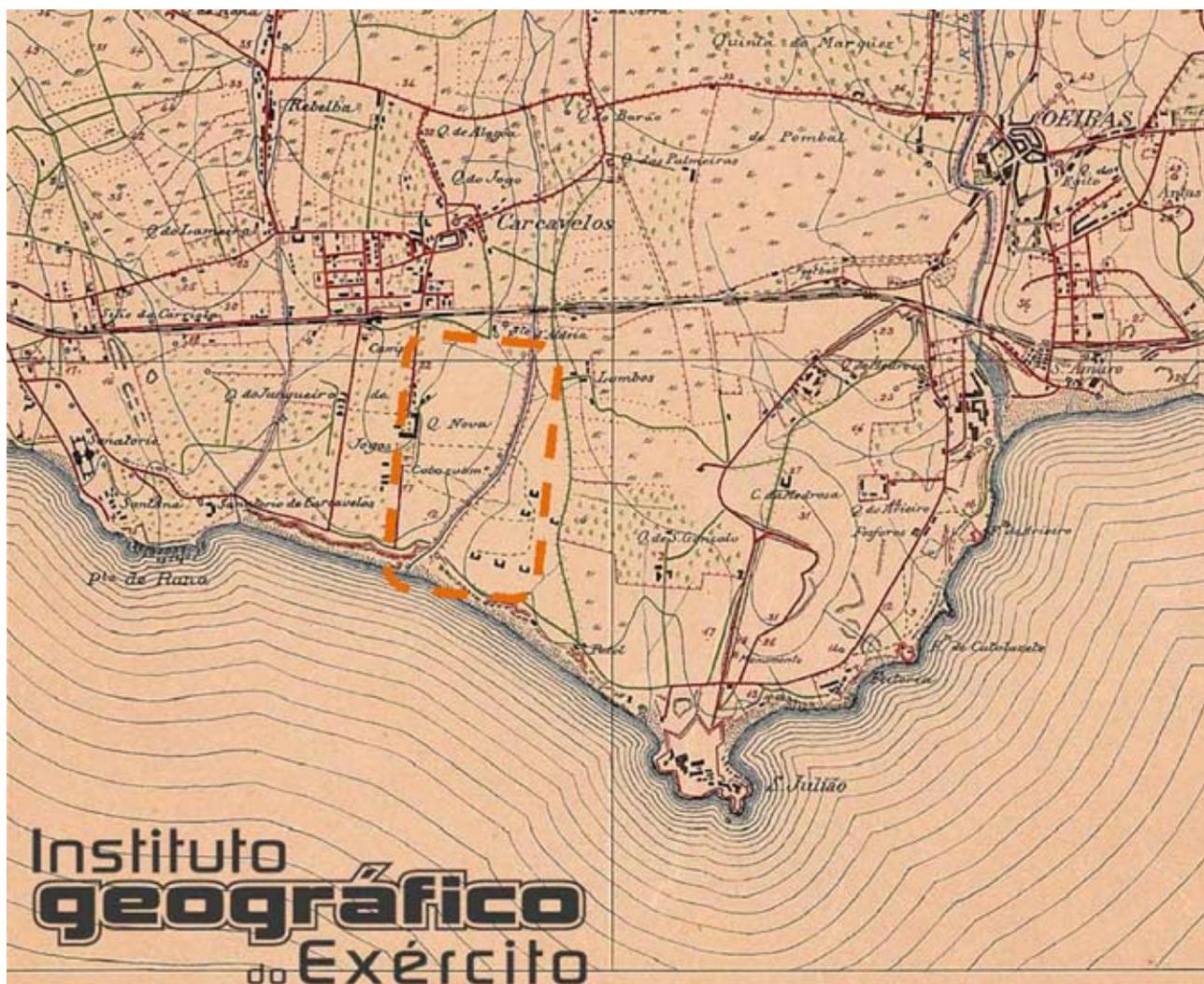


Figura 2
Pormenor da Carta Topográfica de Lisboa (Instituto Geográfico do Exército), Folha 3, 1931.

No que se refere à ocupação moderna e contemporânea na área intervencionada é de destacar o sistema defensivo da praia de Carcavelos e a construção da Quinta Nova de Santo António, bem como as suas posteriores adaptações.

O referido sistema defensivo, Linha de Fuzilaria, Entrincheiramento ou Muralha da Praia de Carcavelos foi pela primeira vez referido no mapa da “Embouchoure de Lá Riviere du Tage”, de 1715, desconhecendo-se a sua data de construção. No entanto, os dados históricos apontam para uma construção do séc. XVII, inserida no contexto da defesa da linha de costa entre Lisboa e Cascais, cujas fortificações principais seriam a Fortaleza de São Julião da Barra, o Forte de Santo António do Estoril e a Fortaleza de Nossa Senhora da Luz (s/a, 2006, p. 4).

Seria constituída por uma linha de trincheira, “não contínua, que acompanhava um caminho militar que ligava a Fortaleza de S. Julião da Barra ao Forte do Junqueiro, na outra extrema da enseada de Carcavelos” (s/a, 2006, p. 4).

Sabe-se que, em 1735, esta linha defensiva estaria já bastante degradada, embora ainda existisse em 1815, altura em que é referida em relatório pelo Coronel de Engenharia Pedro Folque (CARDOSO, 1988, p. 39).

A Quinta Nova de Santo António ganhava visibilidade no final do período Moderno, do qual era conhecido o edifício do solar que hoje pertence ao colégio St. Julian’s e que terá sido fundado em 1730 pelo morgado de Alagoa. Este edifício e outros adjacentes,

assim como os terrenos em seu redor, foram ocupados e transformados ao longo do século XIX pela Companhia de Telégrafos britânica Falmouth, Gibraltar e Malta, que aqui se instalou.

Assim, a existência de informação com relevo histórico e arqueológico sobre este local condicionava à partida o projecto, apontando para a realização de um estudo, que veio então a ser solicitado pela Câmara Municipal de Cascais. Este teria como objectivos, por um lado, avaliar a extensão e grau de preservação da jazida paleolítica conhecida, e por outro detectar e compreender realidades associadas à própria ocupação da Quinta em período Moderno. Numa intervenção deste género, importava também naturalmente reunir informações sobre tipos e períodos de ocupação ainda não conhecidos no local, no caso de estes existirem. É precisamente do que trataremos neste espaço, com a apresentação de novos dados sobre a ocupação humana na Quinta Nova de Santo António durante a Idade do Bronze.

Enquadramento

A área estudada situa-se na localidade de Carcavelos, a cerca de duzentos metros a Norte da praia de Carcavelos, freguesia de Carcavelos, Concelho de Cascais. Encontra-se localizada na Carta Militar de Portugal nº 430 – Oeiras (escala 1/25000), a uma altitude média de cerca de 10m.

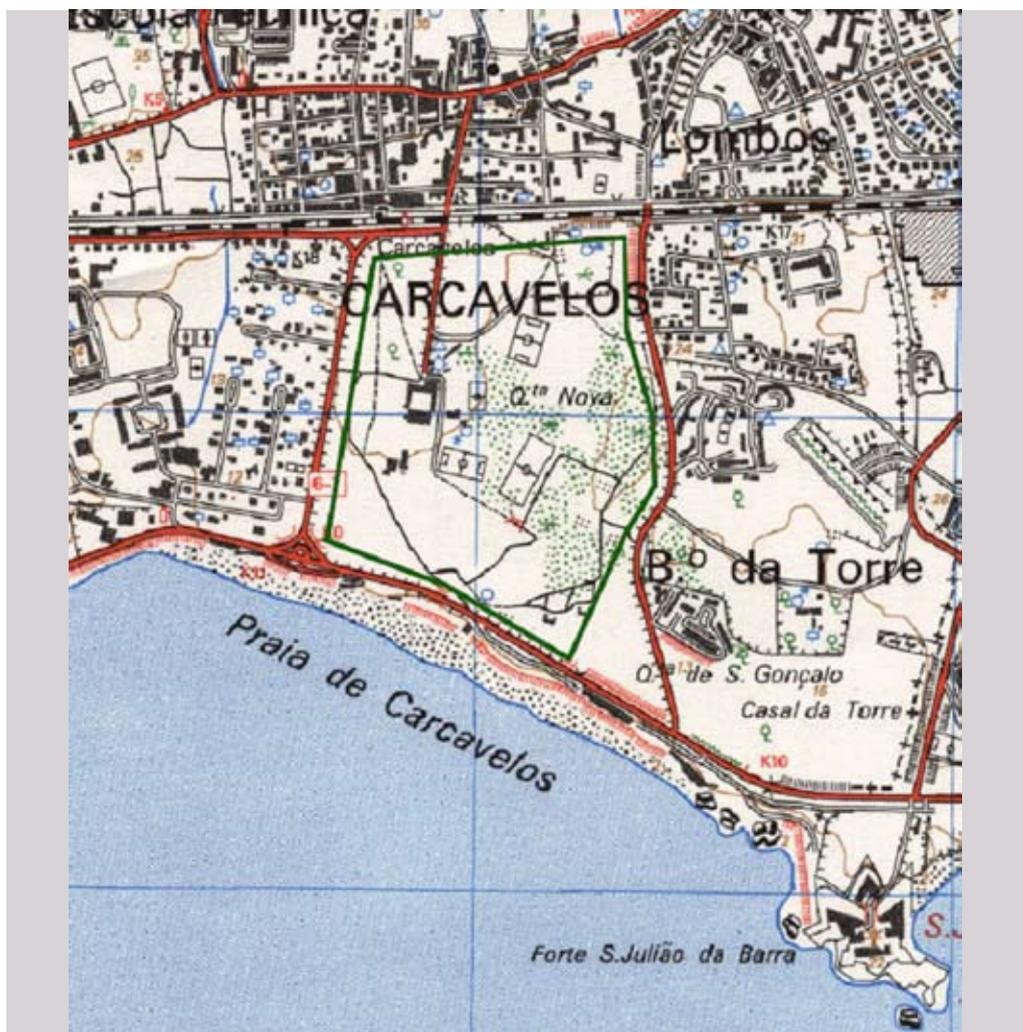


Figura 3
Localização da área onde incidiram os trabalhos na Carta Militar de Portugal nº430 (a verde).



Figura 4
Imagem satélite do terreno alvo da intervenção (Fonte: Google Maps).

Pycnodonta squarrosa, passando a uma lumachela de conchas partidas, polipeiros, entre outros. No vale de Carcavelos, a povoação de Sassoeiros assenta sobre o “Banco Real” constituída por calcários com *Pycnodonta squarrosa*, *Gryphaea gryphoides* (Ostras) e polipeiros. Acrescente-se que nas sondagens de diagnóstico observou-se a existência de uma espécie de margas amarelas que cobrem directamente o banco calcário de dureza elevada.

Ainda uma referência para a existência, a cerca de 3Km a Norte da jazida, de camadas do Cenomaniano superior constituídas por calcários com *rudistas* e “Camadas com *Neolobites vibrayeanus*”, onde podem surgir nódulos de sílex.

Praticamente toda a área alvo dos trabalhos arqueológicos se desenvolve numa zona plana, com uma suave pendente de Norte para Sul, sendo excepção a esta realidade o extremo SE, ocupado por uma vasta zona arborizada que se desenvolve ao longo de uma acentuada encosta de pendor E-O. Ao fundo desta vertente, já na zona plana, corre de Norte para Sul a ribeira de Sassoeiros que desagua directamente na praia de Carcavelos.

Trabalhos realizados, estratigrafia e interpretação

De forma a cumprir com os objectivos propostos, os trabalhos arqueológicos desenvolveram-se em várias fases, que passaram pela desmatção, prospecção, abertura de sondagens de diagnóstico mecânicas e manuais e posterior escavação dos vestígios identificados. Foi no decurso da abertura de valas mecânicas de diagnóstico que se identificaram os contextos apresentados no presente artigo.

Dada a elevada dimensão da zona em estudo e as características distintas de cada uma das suas áreas, optou-se por dividi-la em seis sectores, do I ao VI, segundo a planta seguinte.

Do ponto de vista geológico, o local encontra-se abrangido por quatro realidades distintas. Na parte SO da Quinta existe uma formação do Albiano-Cenomaniano inferior e médio constituída por calcários e margas “Belasiano”.

Todo o sector NO da área em estudo é abrangido essencialmente pelas “*Areolas de Estefânia*” do Arquitaniano Superior. O limite Este da quinta é essencialmente constituído pela formação de “Calcários de Entrecampos (Banco Real)” do Burdigaliano Inferior. Aflorea a norte da Foz do Tejo, nas áreas de Oeiras e de Alapraia, encontrando-se nestas áreas representado por molassos e por calcários amarelos com

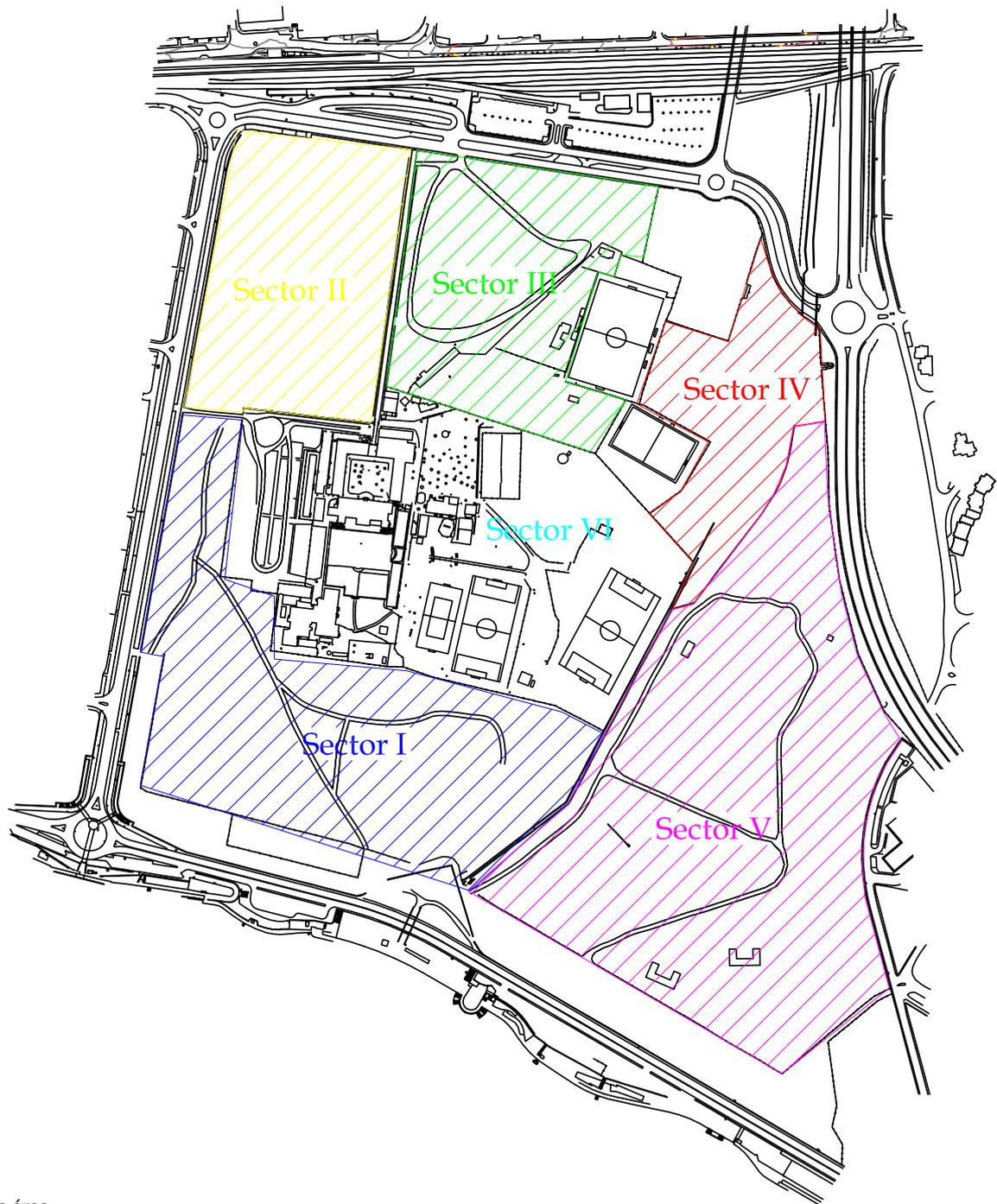


Figura 5
Planta da área
intervencionada com
marcação dos diferentes
sectores estabelecidos.



 Quinta Nova de Santo António Carcavelos	
Implantação de Sectores	21 Março 2009
Responsável: Raquel Santos	Desenho nº 2
©NeoÉpica, Lda www.neoepica.pt	

Sector II – Sondagem VI

A abertura da vala de diagnóstico mecânica nº3, no extremo sudoeste do sector II, permitiu identificar o topo de uma estrutura negativa a cerca de 0,50m de profundidade, escavada no substrato geológico. A mancha de sedimento castanho acinzentado que a demarcava distinguia-se facilmente do substrato margoso de cor amarelada e da larga camada de sedimento arenoargiloso castanho que a cobria até à superfície. Nesta última surgia apenas esporadicamente algum espólio, maioritariamente de cronologia moderna e contemporânea. A restante extensão de 16m x 1m de vala não revelou quaisquer outros vestígios de assinalar.



Figura 6
Detecção da estrutura negativa [606] cortando o substrato margoso na vala mecânica 3, sector II. Depósito de cor cinzenta associado a blocos de calcário.

em particular no depósito [612], surgia algum espólio arqueológico associado a uma maior presença de blocos de pedra soltos. Na base da estrutura encontrava-se um bloco de calcário de grande dimensão, de forma semicircular cuja funcionalidade ainda não antevemos. Num momento posterior, embora como veremos sem propriamente um grande hiato temporal, assiste-se ao fecho rápido da estrutura. Enquadramos aqui alguns depósitos que, confinando uns com os outros e associados a uma grande quantidade de blocos de pedra, assinalam uma série de despejos e entulhamento. De facto, o último momento de enchimento apresentava-se como um verdadeiro “enrocamento”. Este seria tão evidente, que num momento algures no período moderno ou contemporâneo assiste-se a uma pequena violação da estrutura, talvez motivada pela curiosidade ou busca de tesouros.

Implantou-se assim a sondagem manual VI, numa área de 4m x 4m, de modo a abranger o que se previu ser a totalidade da estrutura.

A escavação confirmou a existência de uma estrutura negativa de planta circular de considerável dimensão, 2,30m de diâmetro e cerca de 1m de profundidade máxima, e perfil irregular de tendência troncocónica. Não restavam na área sondada outras evidências de estruturas positivas associadas ou de depósitos correspondentes a um nível de ocupação contemporânea, tendo-se apenas preservado os depósitos que enchiam a estrutura até à cota de topo do substrato geológico.

A análise estratigráfica permite-nos compreender o processo de enchimento segundo duas dinâmicas distintas. Uma, mais antiga, que se caracterizava por uma sobreposição de depósitos espessos, entre 20cm a 40cm de potência, com alguns vestígios de matéria orgânica marcando manchas de sedimento mais acinzentado misturado com areias alaranjadas que por vezes se intercalavam no substrato geológico. Naqueles, e



Figura 7
Última fase
de enchimento
da estrutura negativa
[606] da sondagem VI,
sector II.

Os depósitos associados ao fecho da estrutura caracterizavam-se pelo seu elevado índice de carvões, podendo apontar para a realização de alguma queimada de modo a eliminar detritos e acelerar o processo de colmatção. Em particular, os depósitos [607] e [610] forneceram um elevado volume de materiais arqueológicos, assim como de fauna mamalógica e malacológica.

A morfologia e dimensões da estrutura escavada na sondagem VI levam-nos a considerar que deverá ter sido originalmente construída como silo de armazenagem, para cereais ou outro tipo de víveres, o que não surpreende ao estarmos perante terrenos férteis, largamente cultivados num passado recente. Durante o Bronze Final sabemos que é utilizada como fossa de despejo e que é num determinado momento rapidamente colmatada e desactivada. Encontra paralelos próximos numa semelhante, embora mais pequena, no Cabeço do Mouro, Cascais, que João Luís Cardoso identificou como um silo, posteriormente também utilizado como fossa de acumulação de detritos domésticos durante o Bronze Final (Cardoso, 2006, p. 32).

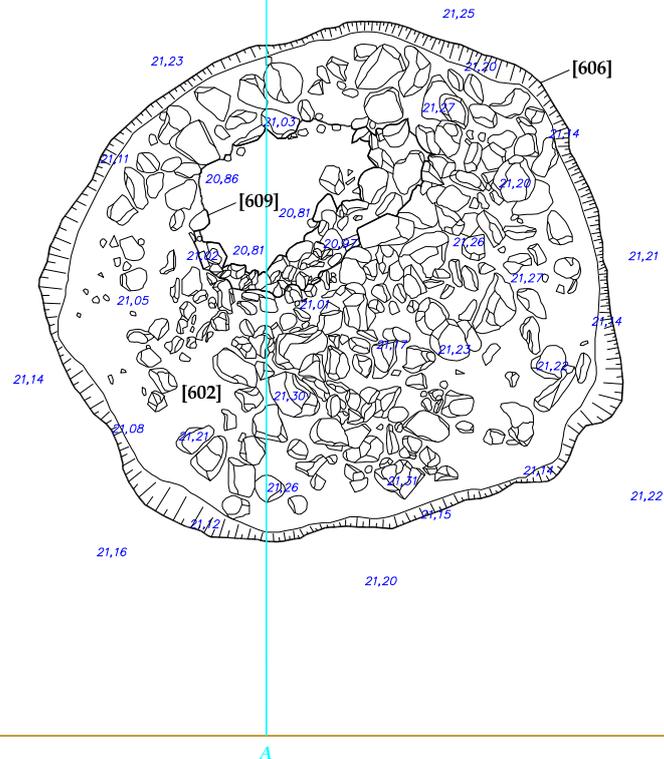


Figura 8
Última fase
de enchimento
da estrutura de fossa
da sondagem VI,
sector II – Registo
gráfico.



Figura 9
Plano final da
estrutura negativa da
sondagem VI, sector II.

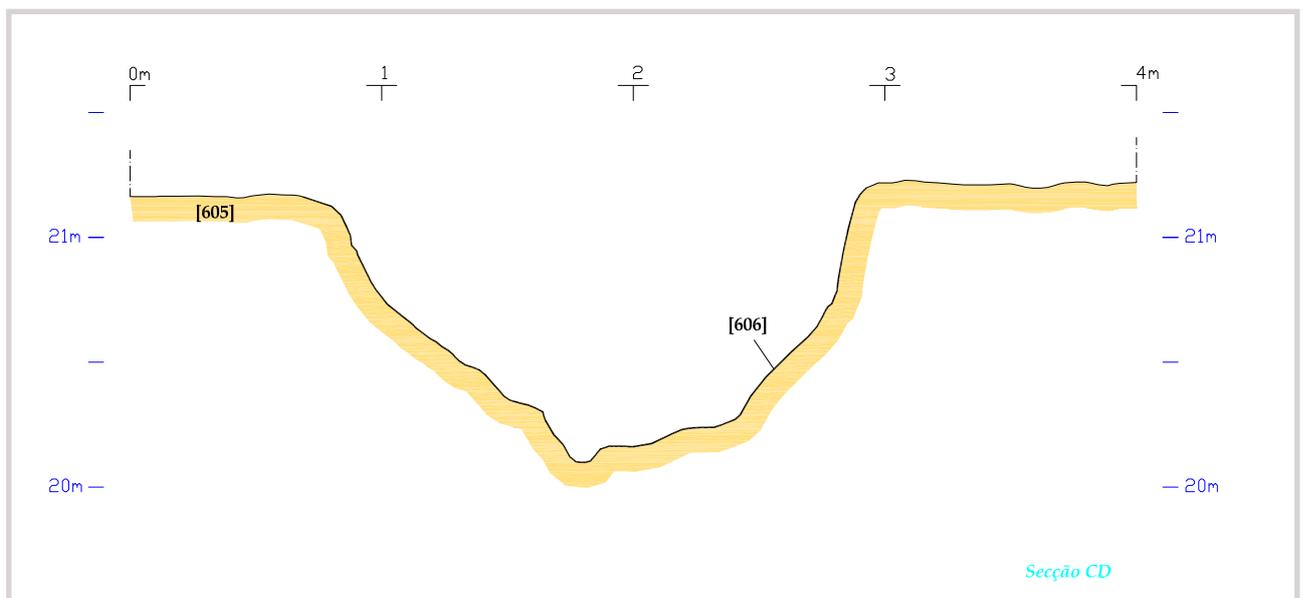


Figura 10
Fossa/silo – Secção.

Sector V – Sondagem V

No decorrer da abertura da vala de diagnóstico mecânica nº 3 do sector V, orientada sensivelmente N-S, foi possível detectar a cerca de 1,50m de profundidade um nível de sedimento castanho-escuro acinzentado associado a algumas lajes de pedra calcária de médias e grandes dimensões. Dadas as características desse sedimento, optou-se por definir essa camada por intermédio de meios manuais, o que permitiu a identificação de um fragmento de grandes dimensões de cerâmica manual, atribuível à pré-história recente. A cerca de 3m para norte surgiu uma enxó de pequenas dimensões, em basalto. De forma a esclarecer as funções e cronologias dos vestígios postos a descoberto optou-se por implantar uma sondagem com as dimensões de 14m x 7m, mais tarde ampliada na sua metade Este em mais 3,5m para norte.

Como estratégia de escavação, optou-se por remover mecanicamente as camadas superficiais, cuja leitura dos cortes da vala aberta previamente nos revelavam tratarem-se de camadas revolvidas onde surgiam materiais de cronologia contemporânea.

A remoção destas camadas permitiu pôr a descoberto no limite Sul da sondagem o que parecia ser uma enorme fossa escavada no substrato geológico. Os trabalhos de definição e escavação manual permitiram confirmar a existência de uma estrutura negativa de planta irregular, semicircular, com um eixo maior de 5,7m e um eixo menor 3,8m, escavada no substrato geológico margoso. A escavação desta estrutura veio a revelar sedimentos de características algo distintas, registando-se diferenças entre o lado Este e Oeste da fossa. Infelizmente, a percepção das fronteiras e limites destes sedimentos foi dificultada pelo facto da vala mecânica de diagnóstico ter cortado exactamente essa zona. Assim, com a remoção mecânica das camadas que se lhes sobrepunham, foi possível observar que os enchimentos mais recentes que colmatavam a fossa na sua metade Este eram constituídos por um sedimento algo argiloso, castanho avermelhado, compacto, de grão fino, cuja escavação não revelou qualquer material arqueológico relevante. Contudo, a sua correspondente na metade Oeste possuía características algo distintas, não cobrindo directamente a fossa, desenvolvendo-se essencialmente mais para Norte desta.

Figura 11
Plano final
do fundo de cabana
na sondagem V,
sector V.

Figura 12
Plano final
do fundo de cabana
na sondagem V,
sector V.



Difícilmente se conseguirá perceber o motivo pelo qual existe esta diferença notória entre um lado e outro da estrutura negativa. No entanto, existe igualmente uma diferença notória nas cotas do terreno, revelando o lado Oeste uma área plana e regular, enquanto que o lado Este se apresenta mais irregular e com um ligeiro pendor no sentido Este-Oeste.

As unidades sedimentares correspondentes ao nível de abandono e de ocupação da referida fossa foram escavadas com recurso a níveis artificiais de cerca de 5cm, com a georreferenciação de todas as peças com dimensões superiores a 2cm, incluindo fragmentos amorfos de cerâmica. As características destes sedimentos eram de certa forma idênticas. Contudo, à semelhança do que já tínhamos verificado com os sedimentos que se lhes sobrepunham, existiam algumas diferenças nas suas características que nos levaram a atribuir-lhes unidades estratigráficas distintas, embora ambos sejam contemporâneos e apresentem o mesmo tipo de material arqueológico. Sob estes sedimentos surgem espalhadas um pouco por todo o fundo da fossa diversas lajes de calcário de dimensões e formas variadas, apresentando algumas delas claros indícios de terem sido afeioadas. Estamos em crer que estas lajes fariam parte de alguma estrutura que existiria no fundo da fossa, muito possivelmente um piso ou base. Sob as lajes surge um sedimento argilo/arenoso castanho-escuro amarelado, compacto e de grão fino, com uma espessura média de cerca de 25cm. Este sedimento cobre directamente o fundo da fossa, surgindo escasso material arqueológico, coerente com o recolhido nos sedimentos que se lhe sobrepõem. A escavação destes sedimentos revelou fenómenos de bioturbação bastante acentuados, provocados quer pela acção da fauna edáfica, quer pela acção de raízes, contribuindo estes fenómenos para o revolvimento destas camadas, bem como do próprio substrato margoso, o que em alguns locais veio a dificultar uma correcta definição dos limites da fossa. A acrescentar a estas dificuldades estão todos os restantes processos pós-deposicionais que contribuíram para a alteração da sequência estratigráfica original do local.

Os níveis de ocupação desta estrutura apresentam um espólio arqueológico bastante coeso cronologicamente, revelando uma ocupação do sítio durante a Idade do Bronze. É de referir que, com excepção para um artefacto lítico, todos os restantes artefactos exumados correspondem a fragmentos cerâmicos na sua maioria vasos de provisões, o que nos poderá indicar quais as funções originais daquele espaço. Acreditamos que a estrutura em negativo identificada no limite Sul da sondagem, poderá corresponder a um

Figura 13

Fragmento de parede de vaso de provisões.



fundo de cabana, que teria funções muito específicas, não de habitat, mas sim de armazenamento. Esta hipótese é corroborada quer pelo aparecimento quase exclusivo de fragmentos de vasos de provisões, quer pela ausência quase total de outro qualquer espólio (cerâmica doméstica, fauna mamalógica/malacológica, líticos, estruturas de combustão, entre outros) geralmente associados a estruturas de habitat.

A cerca de 5m para Norte, local onde o substrato geológico é dominado por calcário carsificado, foi possível identificar uma depressão natural do substrato rochoso, preenchida por um

sedimento castanho muito escuro acinzentado, que revelou escasso material arqueológico de cronologia integrável entre o período Moderno/Contemporâneo e a Prê-História recente. É de salientar que a NO da sondagem, entre dois blocos calcários, surgiu uma pequena concentração de barro cozido, não existindo associado qualquer vestígio de cinzas ou carvões.

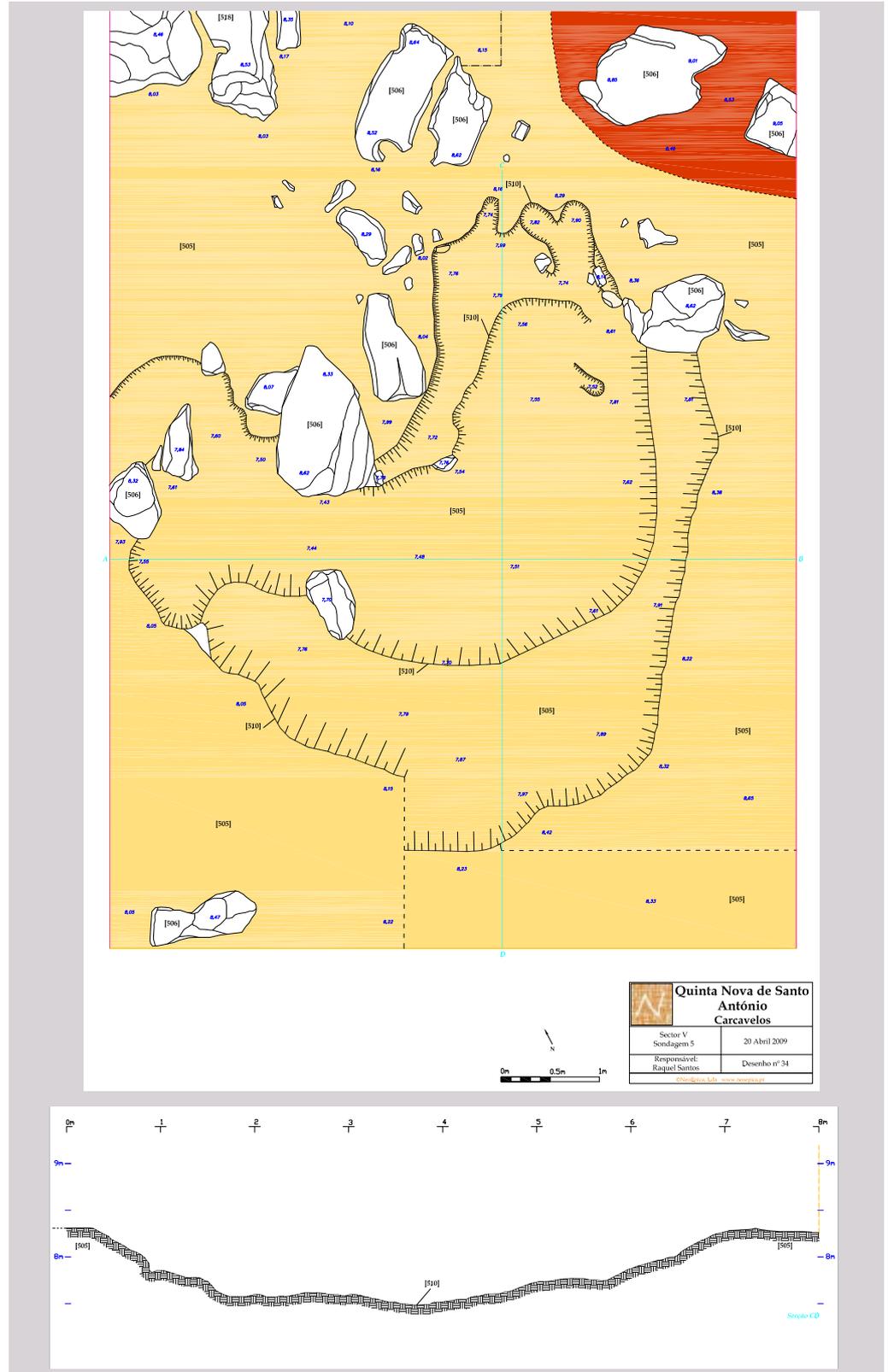


Figura 14
Fundo de Cabana –
Registo gráfico
do plano e secção.

Materiais arqueológicos

A análise do material arqueológico recolhido durante as diferentes fases dos trabalhos permitiu a identificação de um conjunto considerável de artefactos, com maior relevância para os elementos cerâmicos e em pedra lascada.

Entre o conjunto cerâmico enquadrável na Pré-história recente assinalamos mais de 400 fragmentos, a maioria dos quais pertencentes a bojos provenientes dos sectores II e V.

O outro grande conjunto refere-se ao material lítico, tendo sido recolhidos 66 elementos em pedra lascada e 1 em pedra polida. No sector I recolheram-se, em contextos superficiais, 24 peças provavelmente enquadráveis no Paleolítico superior/Epi-Paleolítico. Contudo, estes materiais surgem em contextos fortemente alterados, misturados com elementos cerâmicos de cronologia moderna/contemporânea. Nos sectores II e V registaram-se 42 peças em pedra lascada e uma enxó em pedra polida, elementos que se enquadram em contextos da Idade do Bronze.

Menos representativa será a fauna malacológica e mamalógica, identificada quase que exclusivamente no sector II, não abordada no presente estudo.

Importa referir que os dados apresentados são ainda preliminares, encontrando-se todo o conjunto em fase de estudo.

Tabela 1 – Conjunto Artefactual

<i>Tipo</i>	<i>Cerâmica Pré-histórica</i>	<i>Pedra Lascada</i>	<i>Pedra Polida</i>	<i>Fauna Malacológica</i>	<i>Fauna Mamalógica</i>	<i>Outros</i>
Sector I	0	24	0	0	0	0
Sector II	161	37	0	57	200g	0
Sector V	246	5	1	3	0	0
Total	407	66	1	60	0	0

Para o estudo em causa apenas se analisaram os materiais associados a contextos da Idade do Bronze, ou seja, do sector II, sondagem VI e sector V, sondagem V. A análise macroscópica feita apoiou-se em critérios metodológicos adoptados por Raquel Vilaça (1995) e João Luis Cardoso e Inês Mendes da Silva (2004). Ela teve por base a análise de fragmentos de bordos e bojo, existindo ainda uma série de bordos e bojos, que face à insuficiência dos dados não se conseguiu relacionar de modo seguro com as formas existentes.

Cerâmica

Sondagem VI (Sector II)

Os materiais cerâmicos recolhidos no sector II correspondem aos trabalhos de escavação da Sondagem VI, que revelou uma estrutura negativa tipo silo [606], encontrando-se a grande maioria dos materiais associada aos enchimentos desta.

Nas camadas de terra arável que cobrem a estrutura surgem vários elementos cerâmicos de cronologia moderna/contemporânea (faiança, cerâmica comum). Registou-se ainda a presença de dois fragmentos de cerâmica de cronologia moderna/contemporânea nos enchimentos da pequena fossa que corta o silo, indicador da violação dos estratos que enchem o silo em época recente.

A análise geral dos fragmentos da estrutura em negativo tipo silo levou à identificação de um número mínimo de 16 formas (Tabela 2). Estas distribuem-se de forma desigual pelas camadas de enchimento, apresentando a [607] uma maior proporção. Em termos estatísticos o número e as variações formais e tecnológicas registadas não são significativas. Isto serve tanto para cerâmicas de diferentes depósitos, como, no segundo caso, para recipientes distintos.

O grau de fragmentação do conjunto condicionou o estudo realizado, tendo por resultado a não definição formal de um recipiente e a dúvida sobre outro. Na sua maioria, os recipientes são abertos, embora correspondam sobretudo a formas carenadas, concretamente a taças de carena média/alta (Fig. 15, n^{os} 1-2 e 4-5); as formas fechadas possuem configuração esférica simples, sem estrangulamento (Fig. 16, n^o 5). Os fundos são planos e as pegas mamilares ou de tendência horizontal (Fig. 16, n^{os} 2 e 3).

Tabela 2 – Formas cerâmicas encontradas na estrutura [606]
Número mínimo de recipientes

Taça de carena média/alta	6	37,50%
Taça hemisférica	3	18,75%
Pote esférico/globular	5	31,25%
Pote/Taça carenada (?)	1	6,25%
Indeterminado	1	6,25%
Total	16	100%

No global, as cerâmicas encontravam-se frescas, não denotando rolamento e decorrente transporte natural. Os lábios são boleados, com exceção de um plano, variando os bordos entre os verticais/sub-verticais e os extrovertidos, embora com primazia dos segundos, em resultado de um grande contributo das taças de carena/média alta. Este tipo morfológico evidencia assim características gerais e específicas paralelas com as identificadas noutros sítios do Bronze Final da região de Lisboa (Cardoso e Silva, 2004), da Beira Interior (Vilaça, 1995) e do Sudoeste Ibérico (Aubert Semmler, 1983).

Em termos tecnológicos, os recipientes denotam um conjunto de atributos bastante homogéneos. As pastas são bastante compactas (em especial as das taças carenadas) com presença constante de minerais opacos de coloração branca, amarela, negra e vermelha; nalguns casos conseguiu-se identificar quartzos e num caso feldspatos. A presença destes elementos é normalmente alta (10-15cm²) ou muito alta (10-15cm²), mas pelo menos média (5-10cm²).

Não são muito frequentes ENP's de grande dimensão, em metade dos casos os elementos presentes não ultrapassam 2mm de dimensão e só em três ultrapassam os 4mm. Em todas as formas verificaram-se inclusões de geometrias angulares e/ou sub-angulares, sugerindo que estas, embora não necessariamente (Rice, 2005, p.410), tenham sido adicionadas à argila (Rice, 2005, p.74). Em dois exemplos observaram-se geometrias sub-roladas, indício provável de uma presença prévia na argila ou de uma origem fluvial/marítima para os desengordurantes em causa.

As pastas estudadas macroscopicamente revelaram um padrão de cores tipo. Com exceção de duas taças hemisféricas e de uma forma indeterminada, todas as peças possuíam tons negros ou cinzento-escuro na totalidade da peça ou pelo menos no cerne⁶. As cozeduras regra geral são em ambientes redutores, por vezes “sofrendo” de uma oxidação na fase de arrefecimento que poderá ser ou não controlada, tendo em conta o processo a “céu aberto”.

As superfícies encontram-se em norma polidas, mas algumas (mais nas interiores) estão somente afagadas, apresentando uma taça de carena média/alta superfície exterior grosseira.

Figura 15

- 1: Taça de carena média/alta (St. II, Sd.VI);
- 2: Taça de carena média/alta (St. II, Sd.VI);
- 3: Taça de carenada (St. V, Sd.V);
- 4 - Taça de carena média/alta (St. II, Sd.VI);
- 5 Taça de carena média/alta (St. II, Sd.VI).

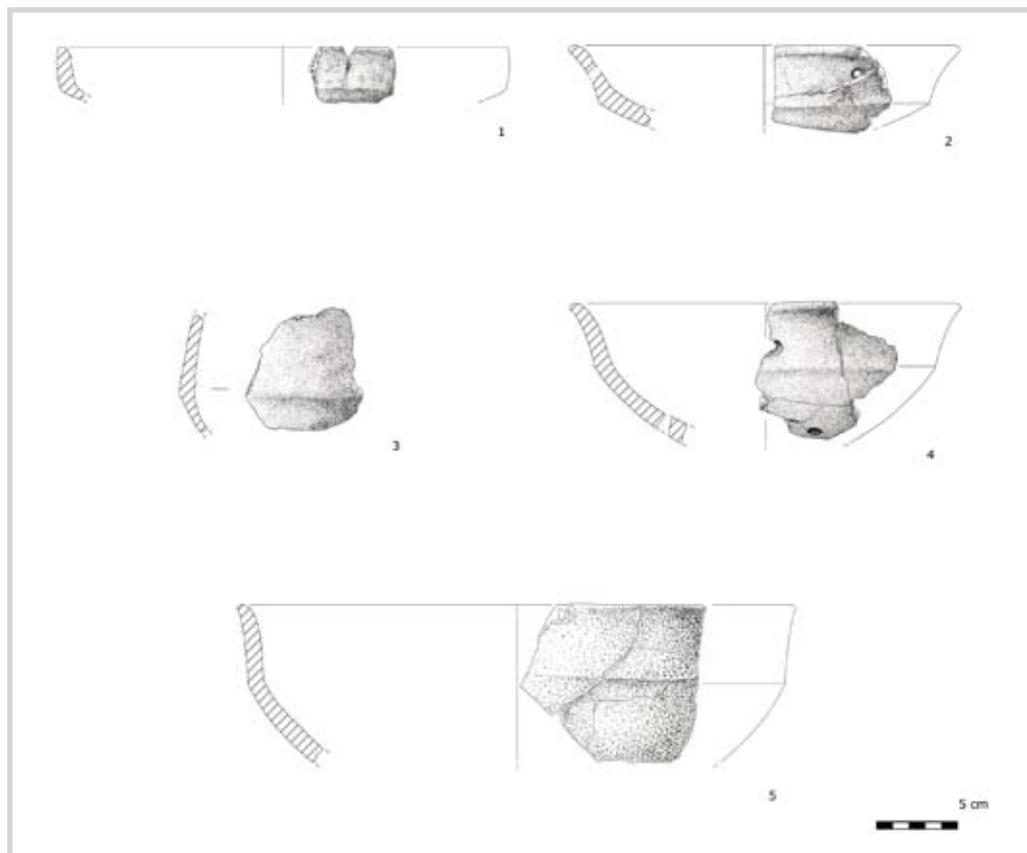
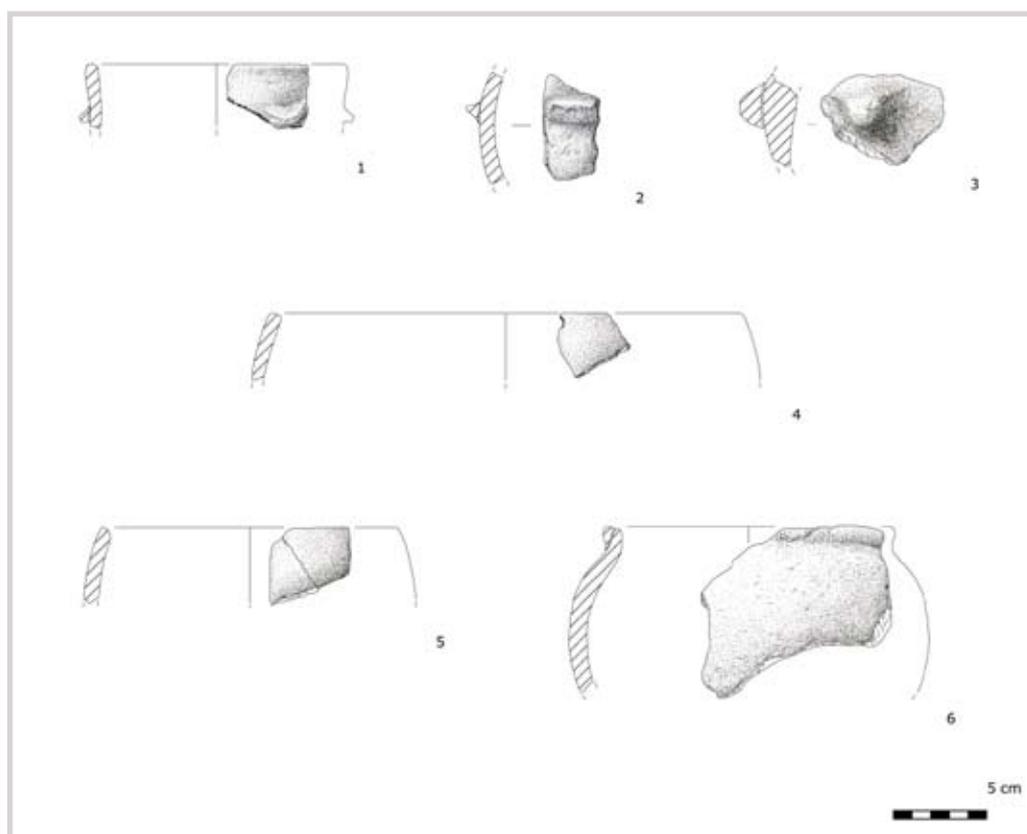


Figura 16

- 1: Pote/Taça carenada (?) (St. II, Sd.VI);
- 2: Pega de tendência horizontal (St. II, Sd.VI);
- 3: Pega mamilar (St. II, Sd.VI);
- 4: Pote esférico (St. V, Sd.V);
- 5: Pote esférico (St. II, Sd.VI);
- 6: Pote esférico estrangulado (St. V, Sd.V).



Cerâmica

Sondagem V (Sector V)

A Sondagem V do sector V revelou uma concentração de materiais associados a uma estrutura em negativo tipo fundo de cabana, na sua maioria cerâmicos, surgindo igualmente escassos artefactos em pedra lascada/polida e registando-se ainda a presença vestigial de fauna malacológica.

Os artefactos cerâmicos surgem num total de mais de 246 fragmentos. É de notar o baixo índice de fragmentação de algumas das peças, bem como o facto de ser possível obter remontagens entre diferentes fragmentos, a que juntamos a ausência de rolamento na grande maioria dos fragmentos recuperados, elementos que indicam um baixo grau de revolvimento e uma boa preservação dos contextos.

Na estrutura em negativo [510] identificou-se um número mínimo de 23 formas (Tabela 3). Estas distribuem-se de forma desigual pelos diferentes depósitos, exibindo a [512] uma maior proporção. No entanto, ao contrário das cerâmicas da fossa tipo silo, existem diferenças assinaláveis entre as cerâmicas dos diferentes depósitos. Especificamente a camada [512] só possui potes de colo estrangulado (16 do total de formas). Devido a este factor estas serão analisadas separadamente.

De novo, por contraponto à [606], os recipientes são em larga maioria fechados, correspondendo a potes de colo estrangulado e potes esféricos simples ou com estrangulamento junto ao bordo (Fig. 16, n^{os} 4 e 6). Verificou-se, ainda, uma taça carenada (Fig. 15, n^o 3) e, embora com alguma reserva, aquilo que nos parece uma taça de carena média/alta. Os fundos são parcos, apenas quatro, sendo planos.

Tabela 3 – Formas cerâmicas encontradas na estrutura [510]
Número mínimo de recipientes

Taça de carena média/alta (?)	1	4,76%
Taça carenada	1	4,76%
Pote esférico simples	1	4,76%
Pote esférico estrangulado	2	9,52%
Pote de colo estrangulado	18	76,19%
Total	23	99,99%

Analisando primeiro as cerâmicas do nível [512], podemos dizer que, em geral, se encontravam frescas, repetindo a situação supracitada. Os lábios são boleados, com excepção de dois planos e três biselados (ou pelo menos com essa tendência), podendo ser espessos. Os bordos são na sua maioria extrovertidos, com quatro casos verticais/sub-verticais. Estas características vão de encontro ao enumerado para outros sítios do Bronze Final da região de Lisboa (Cardoso e Silva, 2004), da Beira Interior (Vilaça, 1995) e do Sudoeste Ibérico (Pellicer Catalán, 1987-1988, p. 465).

As pastas são bastante compactas, todavia com alguns casos menos consistentes que outros, estando presentes inclusões de quartzo, biotite e feldspato, mas também de minerais opacos brancos e negros (em alguns dos casos). A frequência destes elementos é alta (10-15cm²) a muito alta (10-15cm²), quase sempre de tamanho superior a 2mm e em mais de metade dos casos mesmo superior a 4mm. As inclusões são de geometria sub-angular e/ou angular.

As superfícies e o cerne da pasta apresentam, regra geral, tom castanho-avermelhado, podendo, em determinadas situações, possuir cernes escuros ou mesmo negros. Estas características denunciam assim uma cozedura oxidante ou de oxidação incompleta, sugerindo um intuito premeditado de conferir aos recipientes uma tonalidade mais clara, através da indução de oxigénio na cozedura, senão em toda a sua fase, pelo menos na de arrefecimento. As superfícies encontram-se por norma afagadas, estando polidas na face interna de três dos potes e erodida ou grosseira em quatro deles, na face externa.

Os restantes recipientes (em número de sete) mostram algumas características diferentes, com exclusão de dois potes do tipo que se encontrou na [512], isto é, potes de colo estrangulado. Analisando apenas os sobrantes, a taça carenada é compacta, com presença de inclusões de quartzo, biotite e feldspato, em proporção alta, com elementos grosseiros (2-4mm) angulosos e sub-angulosos, pasta castanho-avermelhada e superfície interior afagada e exterior polida.

Os outros recipientes possuem estado físico semelhante ao já descrito e bordo sub-vertical, boleado, com excepção de um plano. As pastas são moderadamente compactas, com inclusões de quartzo, biotite e feldspato e outro elementos opacos brancos, amarelos e negros, com frequência alta a muito alta e de tamanho até 4mm, de forma angulosa e/ou sub-angulosa. Os tons variam entre o castanho-avermelhado, o escuro e o negro, com cozeduras variáveis e irregulares, com um ou mais momentos redutores e oxidantes. As superfícies dos potes esféricos são afagadas e as da taça de carena média/altas polidas.

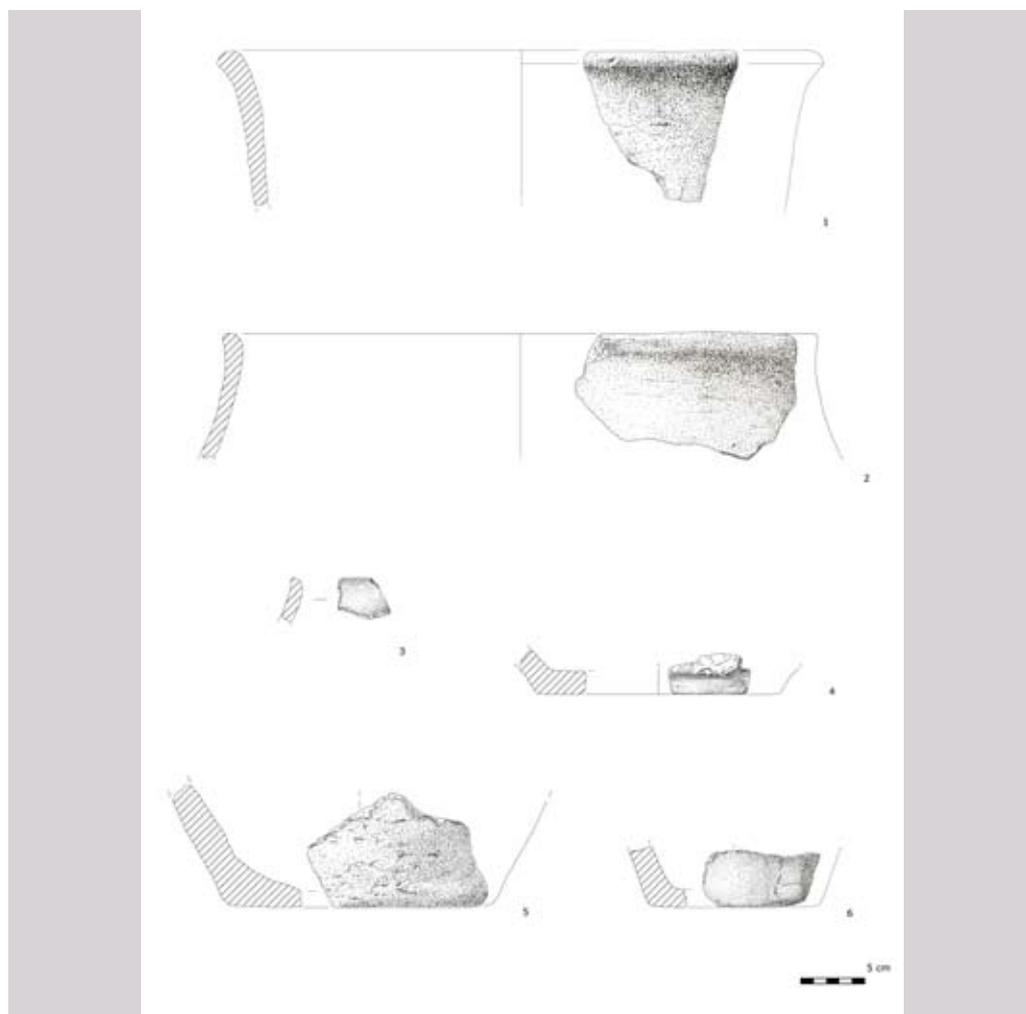


Figura 17

1 a 5: Vaso de provisões (St. V, Sd. V);
6: Vaso de provisões (St. II, Sd. VI).

A presença na cabana da Sondagem V de um grande número de recipientes de armazenamento, bem como o baixo número ou falta de elementos materiais de carácter mais doméstico (como elementos de moagem, entre outros), leva-nos a colocar a hipótese de podermos estar perante uma estrutura cuja funcionalidade deveria ser a de armazenamento, muito provavelmente de excedentes agrícolas.

No que diz respeito ao enquadramento cronológico, o conjunto artefactual indicia uma ocupação/abandono da estrutura durante a Idade do Bronze, apontando a visão de conjunto dos elementos cerâmicos mais provavelmente para o Bronze final.

Pedra Talhada

Sondagem VI (Sector II)

Nas camadas que enchem a fossa registada na sondagem VI do sector II, foi possível recolher um conjunto em pedra lascada composto por 37 artefactos. Em termos de matéria-prima encontram-se divididos entre sílex (16) e quartzito (21), litologias disponíveis localmente e/ou regionalmente, não se registando um evidente peso de uma em relação à outra. O quartzito poderia ser recolhido na linha de costa situada a poucos metros, ou ao longo das linhas de água que se desenvolvem nesta zona.

Tabela 4 – Inventário Geral (Pedra Lascada/Polida) – St.II-Sd.VI

<i>Tipo</i>	<i>Sílex</i>	<i>Quartzo</i>	<i>Quartzito</i>	<i>Outras</i>	<i>Ind.</i>	Total
Núcleos	1	0	2	0	0	3
Subprodutos	5	0	1	0	0	6
Prod. de bitagem	5	0	10	0	0	15
Utensílios	3	0	8	0	0	11
Pedra Polida	0	0	0	0	0	0
Termoclastos	0	0	0	0	0	0
Outros	2	0	0	0	0	2
Total	16	0	21	0	0	37

O sílex é uma litologia de âmbito local/regional, sendo assinalável a cerca de 3Km a Norte da jazida a existência de camadas do Cenomaniano superior constituídas por *calcários com rudistas* e “*Camadas com Neolobites vibrayeanus*”, onde podem surgir nódulos de sílex. Importa porém referir que a observação do córtex dos artefactos analisados, permite o seu enquadramento como fino, não pulverulento, revelando vestígios de rolamento, indícios de provável transporte flúvio-marinho. Possui uma coloração que varia entre o branco e cinzento, homogéneo e de boa qualidade.

Para além de dois nódulos de sílex, abandonados sem vestígios de terem sido trabalhados, foram recolhidos três núcleos. O único em sílex apresenta uma morfologia de tendência paralelepípedica, com apenas uma plataforma de percussão e vestígios de alguns negativos de lascas. Os outros são em quartzito, de tipologia prismática, apresentando uma plataforma de percussão, tendo igualmente por objectivo a obtenção de lascas.

A observação dos produtos de de bitagem corrobora esta tendência de se procurar obter suportes em lasca. Das 15 peças identificadas, apenas uma não se enquadra como lasca: uma lâmina em sílex, de secção trapezoidal.

Ao nível dos utensílios o conjunto é composto por onze artefactos. A maioria é composta por seixos truncados em quartzito, apresentando negativos de lascas, peças que

poderão por si só ter sido utilizadas como utensílios, podendo também ter servido na obtenção de lascas de uma forma expedita, sendo estas posteriormente transformadas e usadas como utensílio. Das duas lascas retocadas uma é em quartzito, a outra em sílex. Nesta última é possível observar um talão largo e liso com bolbo saliente, estigmas associados a uma percussão directa por percutor duro. Em complemento a este ponto é de notar a presença de um seixo em quartzito com vestígios de ter sido usado como percutor. Ambas as lascas apresentam retoque marginal e contínuo. Foi ainda recolhida durante a abertura da vala de diagnóstico mecânica nº3 uma lasca retocada sobre suporte alongado com fractura natural.

Para além dos elementos anteriormente referidos, foi identificada uma pequena raspadeira sobre lasca espessa e um furador igualmente sobre lasca. São artefactos comuns em contextos da Pré-história recente e a sua larga previvência deve-se ao facto de se tratar de peças com uma larga flexibilidade em termos funcionais levando à sua recorrente utilização ao longo de um largo período cronológico.

No que diz respeito aos furadores sobre lasca estes apresentam paralelos em diversos contextos neolíticos e calcolíticos. Entre estes destacam-se sítios de referência na região como Leceia, Murtal, Parede e Estoril, salientando-se o Povoado do Estoril (GONÇALVES, SOUSA, 2010) pela preponderância que esta tipologia possui no conjunto em pedra lascada deste sítio, levando à recolha de 54 peças (33% do conjunto em pedra lascada). Estas peças são menos comuns em contextos da Idade do Bronze, enquadrando-se nesta cronologia as registadas no sítio de Terras de Javardo (Carcavelos) associadas a elementos de foice, tipologia comum em contextos desta cronologia (REBELO, NETO, 2008).



Figura 18
Lasca retocada em quartzito; Furador sobre lasca.

Tabela 5 – Utensilagem – St.II-Sd.VI

Tipo	Sílex	Quartzo	Quartzito	Outras	Ind.	Total
Seixo truncado	0	0	5	0	0	5
Lasca retocada	1	0	2	0	0	3
Lâmina retocada	0	0	0	0	0	0
Lamela retocada	0	0	0	0	0	0
Furador	1	0	0	0	0	1
Raspadeira	1	0	0	0	0	1
Peça com sinais de uso	1	0	0	0	0	1
Outros	0	0	1	0	0	1
Total	4	0	8	0	0	12

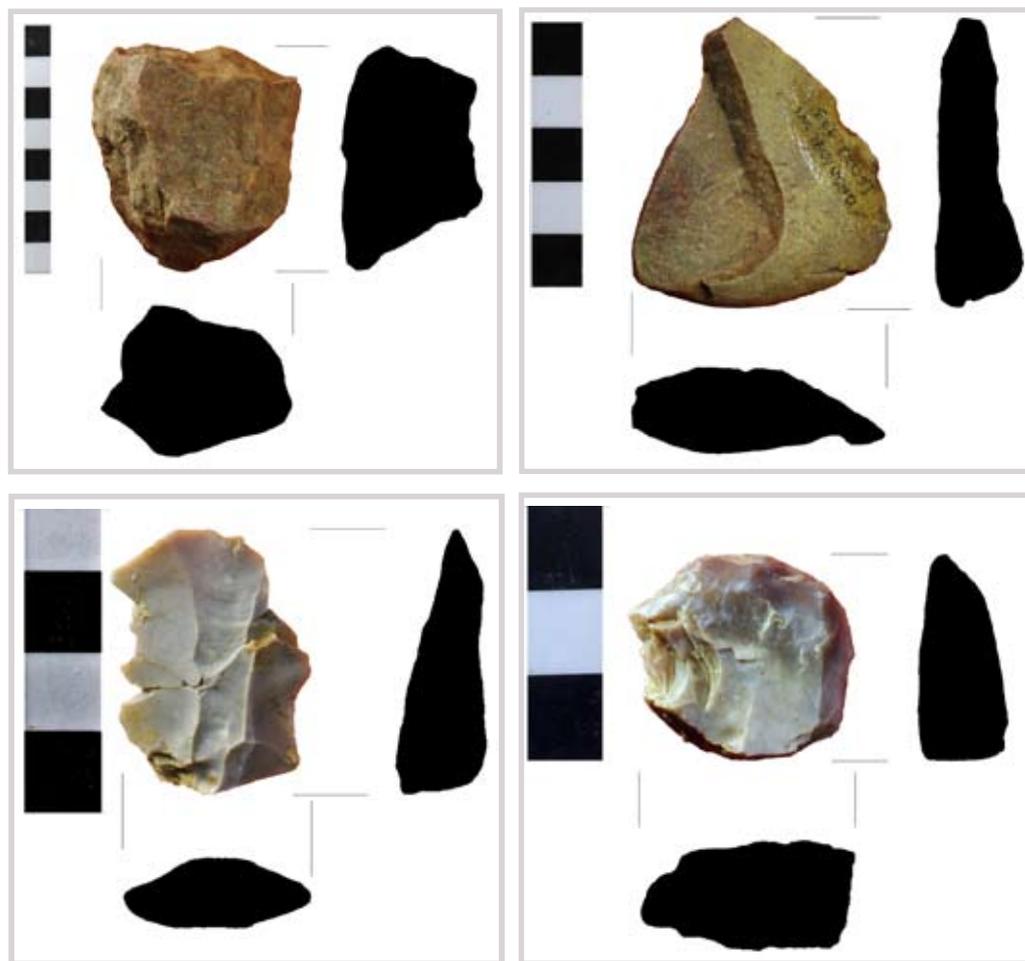


Figura 19
Núcleo poliédrico
(quartzito); lasca
(quartzito); lâmina
(sílex); raspadeira
(sílex).

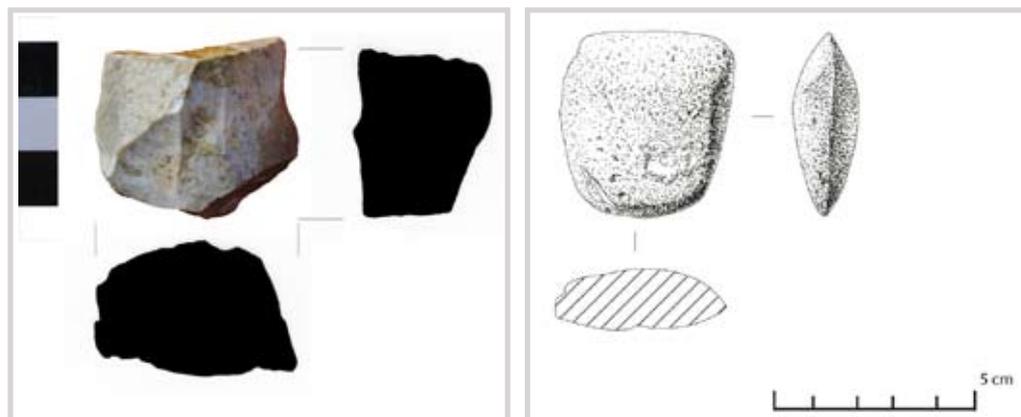
Sondagem V (sector V)

No sector V é bastante diminuta a presença de artefactos em pedra lascada nos níveis associados ao fundo de cabana. É composto por apenas seis peças, destacando-se o único elemento em pedra polida registado em toda a intervenção: uma pequena enxada em basalto, recolhida na vala 3, nos contextos associados ao fundo de cabana. Foram ainda registados um resto de talhe e uma pequena lasca em sílex, esta apresentando talão liso e bolbo difuso. Foi igualmente recolhido um núcleo poliédrico em sílex para a remoção de lascas. O sílex usado como matéria-prima é homogéneo, de boa qualidade, cor branca/cinzenta. Foi ainda recolhido um seixo rolado de quartzo apresentando dois levantamentos.

Tabela 6 – Inventário Geral (Pedra Lascada/Polida) – St.V-Sd.V

Tipo	Sílex	Quartzo	Quartzito	Outras	Ind.	Total
Núcleos	1	0	0	0	0	1
Subprodutos	1	0	0	0	0	1
Prod. de bitagem	1	0	0	0	0	1
Utensílios	0	1	0	0	0	1
Pedra Polida	0	0	0	1	0	1
Termoclastos	0	0	0	0	0	0
Outros	0	0	0	0	1	1
Total	2	1	0	1	1	6

Figura 20
Núcleo poliédrico
em sílex; enxó
de pequenas
dimensões em basalto.



Conclusões

Como anteriormente descrito, os trabalhos arqueológicos desenvolvidos na Quinta Nova de Santo António permitiram, entre outros vestígios, colocar a descoberto duas estruturas em negativo enquadradas na Idade do Bronze.

Estas duas estruturas estão separadas uma da outra cerca de 500m em linha recta, sendo os materiais nelas recuperados integráveis na Idade do Bronze, mais precisamente no Bronze Final. A análise do espólio artefactual cerâmico permite-nos levantar a hipótese de ambos os sítios serem contemporâneos, embora tenham tipologias distintas. No entanto, os dados obtidos não nos possibilitam tirar grandes conclusões quanto ao tipo de povoamento presente: um grande povoado ou zonas dispersas de ocupação, como pequenos casais agrícolas, uma ocupação coeva ou em época e fases distintas.

O registo arqueológico mostra que ao longo do Bronze Final se assistiu à multiplicação de núcleos de carácter familiar, tipo casais agrícolas ou mesmo povoados abertos, que baseavam a sua subsistência na exploração intensa de carácter agro-pastoril ao longo de todo o ano, produzindo excedentes que seriam “comercializados”. Entre os produtos largamente produzidos contam-se os cereais (trigo), que ultrapassariam as necessidades de consumo destas pequenas comunidades, sendo frequente o aparecimento de estruturas de armazenagem tipo silo, semelhantes ao identificado durante os trabalhos arqueológicos. São vários os sítios de ocupação aberta conhecidos na região, de que destacamos: Cabeço do Mouro (Cascais), cujos trabalhos arqueológicos revelaram uma estrutura negativa tipo silo semelhante à agora posta a descoberto (Cardoso, 2006, p. 32); Castelo dos Mouros (Sintra) (CARDOSO, 1997/1998); Terras do Javardo (Arneiro-Cascais) (CARDOSO, 1991, p.86; NETO e REBELO, 2008); Povoado do Bronze Final da Tapada da Ajuda, Lisboa com datações de radiocarbono entre inícios do séc. XIV e os finais do séc. XII a.C. (Cardoso, Silva, 2004); Povoado de altura do Bronze Final de Cabeço dos Moinhos, Mafra (Vicente, Andrade, 1971); e o Povoado do Bronze Final do Alto das Cabeças (Leião, Oeiras) – povoado de encosta suave numa zona de solos muito férteis, onde apareceram numerosos elementos denticulados de foice, a demonstrar a sua vertente agrícola (Cardoso, Cardoso, 1996).

BIBLIOGRAFIA

- AA.VV. (1998)** – *Existe uma Idade do Bronze Atlântico?* JORGE, S. O. (ED.). Trabalhos de Arqueologia. 10. Lisboa. Instituto Português de Arqueologia.
- AUBET SEMMLER, M. E. ET ALII (1983)** – La Mesa de Setefilla, Lora del Rio. *Excavaciones Arqueológicas en España*. n.º 122. Madrid. Direccion del Patrimonio Artístico. Archivos y Museos.
- CARDOSO, J. L., ET ALII (1980/1)** – Descoberta de Jazida da Idade do Bronze na Tapada da Ajuda. In: *Setúbal Arqueológica*. Vol. VI-VII. Assembleia Distrital de Setúbal. Setúbal, p.117-138.
- CARDOSO, J. L. (1997/1998)** – O povoado do Bronze Final do castelo dos Mouros (Sintra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7, p. 169-187.
- CARDOSO, J. L. E CARDOSO, G. (1996)** – O povoado do Bronze Final do Alto das Cabeças (Leião, Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 351-359.
- CARDOSO, J. L. e SILVA, I. M. (2004)** – O povoado do Bronze Final da Tapada da Ajuda (Lisboa): estudo do espólio cerâmico. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:1, p. 227-271.
- CARDOSO, J. L. (2006)** – A estação do Bronze Final do Cabeço do Mouro (Cascais): resultados das escavações realizadas. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9:1, p. 21-46.
- CARDOSO, G. (1991)** – *Carta Arqueológica do Concelho de Cascais*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.
- CARDOSO, G., CABRAL, João (1999)** – Relatório da escavação de emergência na Quinta Nova de S. António (Carcavelos-Cascais).
- CARDOSO, G. (1988)** – Registo Fotográfico de Carcavelos e alguns apontamentos histórico-administrativos. Câmara Municipal de Cascais, Lisboa.
- CARVALHO, A. F., BRAGANÇA, F., NETO, F., JUSTINO, L. (1999)** – O sítio da Idade do Bronze «Pleno» do Casal da Torre (Assentiz, Torres Novas) In: *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Vol. 5. Edições Colibri. Lisboa, p.63-81.
- GOMES, M. V. (1986)** – A Necrópole da Vinha do Casão (Vila Moura, Algarve) no contexto da Idade do Bronze do Sudoeste Peninsular. In *Trabalhos de Arqueologia*. 2. Lisboa. IPPC.
- HARRIS, E. C., (1991)** – *Principios de Estratigrafia Arqueológica*,. Barcelona., Editorial Crítica.
- PELLICER CATALÁN, M. (1987-1988)** – Las cerâmicas a mano del Bronce Reciente e del Orientalizante en Andalucía Occidental. *Habis*. n.º 18-19, p. 461-484.
- RAMALHO, M. M. et al (2001)** – *Notícia Explicativa da Folha 34-C. Cascais*. Lisboa: Departamento de Geologia e Instituto Geológico e Mineiro.
- RICE, P. M. (2005)** – *Pottery analysis, a Sourcebook*. Chicago. University of Chicago Press.
- SCHÜBART, H. (1971)** – Acerca de la cerâmica del Bronce tardío en el Sur y Oeste peninsular. In *Trabajos de Prehistoria*. 28, p. 153-182.
- SILVA, A. C. F. da, GOMES, M. V. (1992)** – *Proto-História de Portugal*. Lisboa. Universidade Aberta.
- VILAÇA, R. (1995)** – Aspectos do povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos finais da Idade do Bronze. *Trabalhos de Arqueologia*. 9. Lisboa. IPPAR. 2 Vols.

NOTAS

- ¹ Arqueólogo da empresa Neoépica Lda. (www.neoepica.pt).
- ² Arqueóloga.
- ³ Arqueólogo da empresa Neoépica Lda. (www.neoepica.pt).
- ⁴ Arqueóloga da empresa Neoépica Lda. (www.neoepica.pt).
- ⁵ Arqueólogo da empresa Neoépica Lda. (www.neoepica.pt).
- ⁶ Nesta situação específica em 13 das formas.